

RECONVERSÃO E RECOMPOSIÇÃO DE UMA ANTIGA AREA INDUSTRIAL: IDENTIDADE E INTERVENÇÃO

Rafael Perrone

Introdução

A arquitetura contemporânea caracteriza-se por um conjunto não homogêneo de posturas, resultado de uma diversidade de visões e pluralidade de condutas e formas, como atestam críticos e historiadores internacionais como Montaner (1999) e brasileiros como Bastos (2003).

Entretanto, em quase todas estas posturas, por mais variadas que sejam suas proposições, as questões relativas ao sítio, memória e patrimônio tornaram-se preocupações significativas. Foi a partir dos anos 1960 que estes questionamentos sobre as decisões de partidos arquitetônicos tornaram-se, juntamente com as indagações sobre a identidade (temporal, cultural ou geográfica), referências teóricas decisivas nos campos disciplinares e profissionais da arquitetura.

No início do século passado prevaleceram as proposições dos arquitetos modernos que constituíram seus discursos dirigidos a uma visão promissora do futuro. Futuro gerado, para eles, nos valores positivos da ciência, na crença nas potencialidades das técnicas e nas esperanças conduzidas pelas visões utópicas e socialistas para o surgimento de um novo homem e de um novo mundo.

Entretanto, outras visões mantiveram-se latentes no pensamento arquitetônico. Algumas destas visões foram, por vezes, contidas em posicionamentos nostálgicos, ideários tradicionalistas ou conduzidas pelas próprias condições de produção capitalista da cidade que possuíam e ainda possuem como motores a cultura do mercado e as linguagens dela decorrentes. Outros ideários vincularam-se à observação dos valores contidos nos patrimônios arquitetônicos, a constituição de suas memórias e de suas identidades sociais e culturais.

Estas abordagens, vistas pelo posicionamento moderno “*strito sensu*” como reacionárias, ou no mínimo passadistas, foram objeto de uma enorme revisão crítica.

Colaborou com a revisão, não só a reflexão sobre as obras produzidas ou dos seus resultados, mas ao próprio paradoxo implícito no posicionamento da arquitetura moderna que pretendia identificar-se com o espírito de um novo tempo. Pois, à medida que o tempo decorreu, a arte do futuro passou a ser também vista como a do passado. As obras modernas tornaram-se objeto da

história e a própria atitude da corrente moderna, em relação ao passado, pôde e teve de ser revista sem os preconceitos havidos em relação aos “estilos históricos”.

Neste sentido, aquelas visões latentes puderam estabelecer-se sem tantos partidarismos e com mais clareza, não se confundindo com a defesa da “academia”, dos estilos ou do historicismo.

Nos anos 1960, os textos de Rossi, “A arquitetura da cidade” (1966) e de Jacobs, “Vida e morte das grandes cidades” (1961) estabeleceram novas compreensões e significativos referenciais para as revisões teóricas e geraram novas diretrizes projetuais.

Rossi, vendo na cidade a arquitetura recuperou o conceito de “tipo” e morfologia, transformando-os em elementos primordiais para os novos projetos. Jacobs caracterizou outra visão retrospectiva contrapondo à ideia de cidade moderna, caracterizada por zonas monofuncionais, os elementos públicos das cidades tradicionais como a rua, as relações de vizinhança e o multifuncionalismo.

Nas últimas décadas do século XX, devido à ampliação da globalização e a inserção dos novos moldes de internacionalização da arquitetura, essas revisões ampliaram-se por meio de reações críticas e teóricas que deram primazia à busca da identidade e à preservação dos lugares como um dos fundamentos para a criação dos artefatos arquitetônicos.

A utilização do conceito de lugar deve-se basicamente a duas linhas de compreensão. A primeira delas está apoiada em Norberg Schulz (1976), que ressalta a existência de um “*genius loci*”, um espírito do lugar que deve constituir o caráter da arquitetura a ser nele implantada.

Outra visão sobre a importância dos lugares é manifestada por Frampton em sua obra “Modern Architecture: a Critical History “ (1992) e em “Prospects for a Critical Regionalism” (1983). Nesses trabalhos enfatiza-se a reinterpretação do local e de sua cultura como eixos diretivos da arquitetura. Para Frampton, estes eixos podem ser forças manipuladoras das formulações da arquitetura, com o cuidado de que a cultura contemporânea participe de modo que o uso deles não se configure como uma postura endógena ou passadista.

Neste estudo de caso aborda-se a elaboração de um conjunto de edifícios destinados ao Centro Educacional de Ribeirão Pires. Devido a existência, no terreno destinado à sua implantação, de antigos edifícios industriais, as definições do projeto envolveram-se nos critérios e técnicas de sua recuperação, de seu inventário, descoberta e, principalmente, pelo seu entendimento como elementos da memória da cidade. Estas preocupações ocorreram ao mesmo tempo que foram realizados estudos morfológicos, definição de programas e seleção de elementos para a intervenção na mudança dos usos que se intencionava realizar.

A proposta do projeto definiu-se por uma pesquisa do lugar e uma metodologia estruturada na crítica contemporânea (com ênfase nos conceitos da recuperação da memória), forjada por meio de uma interpretação de aspectos teóricos e projetos referenciais.

Assim sendo, este artigo compõe-se das seguintes fases:

- Programa inicial do projeto
- Procedimentos iniciais
- Referenciais históricos: reconstrução do lugar
- Referenciais arquitetônicos: a recomposição
- Procedimentos construtivos
- Conclusão

O programa inicial do projeto

A área central da cidade de Ribeirão Pires era, naquela ocasião, por iniciativa da Prefeitura Municipal, objeto de um amplo trabalho de requalificação. Em 1999, foi objeto de uma transformação substantiva com ampliação dos espaços livres, requalificação de calçadas e equipamentos públicos. Outras melhorias foram executadas em regiões próximas, como o tratamento paisagístico das avenidas e áreas lindeiras ao centro, a remodelação do Paço Municipal e a recuperação do terminal rodoviário.

Dentro desse conjunto de programas, foi desapropriada a área de uma indústria, situada na área central, ao lado da ferrovia. Essa área pertenceu a antigas instalações fabris, desativadas desde o início dos anos 1990 e se encontrava abandonada e em acelerado processo de deterioração.

Devido à sua proximidade da praça da Matriz, o terreno da fábrica, com aproximadamente 12.000m², tinha um grande potencial para dinamizar a recuperação do centro, principalmente sua parte mais antiga, complementando as ações de requalificação programadas.

Para a área previa-se a construção de um complexo educacional composto de um edifício de ensino infantil e fundamental, uma área administrativa para utilização da Secretaria da Educação e uma área destinada ao Centro de Formação de Professores que visava o atendimento de vários projetos e ações educativas.

Como parte da proposição original, as áreas do terreno não edificadas deveriam ser planejadas como um espaço aberto, com características de praça pública, inserida na trama urbana em requalificação.

Em relação à apropriação das edificações históricas, havia uma breve recomendação da manutenção de elementos das construções existentes, principalmente de uma remanescente chaminé de tijolos, por sua notória função referencial. Não havia levantamentos, nem quaisquer outros dados cadastrais e portanto um grande desconhecimento dos edifícios em questão. Os ambientes e elementos a serem mantidos foram conhecidos e definidos ao longo do processo do projeto, através de avaliações e levantamentos técnicos, cadastrais e históricos.

O programa de requalificação tinha uma clara intenção de modernização, de tornar útil o local, superando as obsoletas e degradadas instalações, dando-lhes novos usos, tornando-as funcional, técnica e formalmente contemporâneas. Além disto, a área caracterizada como um lote encravado na trama urbana, deveria ser aberta ao uso coletivo, dando-lhe a permeabilidade intrínseca de um espaço público.

Procedimentos iniciais

As evidências iniciais denunciaram, num primeiro levantamento, que as construções deterioradas continham uma série de acoplamentos, “puxadinhos”, galpões de diversas formas e técnicas construtivas.

O palimpsesto arquitetônico degradado não impedia que se notasse no seu interior, escondido pelas nefastas reformas e adaptações canhestras, os resquícios do conjunto arquitetônico original. Foi a partir deste achamento que se orientou o projeto para a pesquisa e a busca do entendimento da história das construções, para a definição dos possíveis usos daqueles restos de corpos edificados, como figuras de relevância no projeto.

Na pesquisa desenvolvida, revelou-se que o conjunto originalmente edificado era um dos primeiros moinhos de trigo do Brasil: o Moinho Di Semola Fratelli Maciota, cuja construção foi finalizada em 1898.

Entretanto, como podia ser verificado, a não ser pela remanescente torre da chaminé, as ampliações da construção inicial, suas constantes mudanças e o abandono, tinham descaracterizado totalmente os prédios, as instalações e todas e quaisquer outras possíveis memórias daqueles edifícios.

Ao formato inicial do projeto e ao seu programa funcional, impunham-se outras definições: desvendar a história do local e restaurar aspectos significativos das edificações. A pesquisa iniciou-se dentro do quadro de referências teóricas citadas para responder então à algumas questões: quais eram os elementos históricos remanescentes? Quais preservar? Que destinação de uso poderiam conter? Qual seria a memória daquele lugar? Como enquadrar as novas edificações e intervenções nessa memória? O que da memória teria sido perdido e o que se buscava lembrar? Se o objetivo era de requalificar o uso coletivo do solo urbano do local, como inserir, mantendo a característica de lote privado, a dinâmica do uso público?

Agregaram-se, assim, muitas outras proposições às intenções iniciais do projeto, todas elas advindas da busca da inserção das construções no contexto urbano, cuja história e memória estavam quase totalmente desaparecidas.

Redefiniram-se as intenções iniciais: à idéia de modernização foram justapostas as considerações da crítica da arquitetura contemporânea, buscou-se centrar o projeto na reconstrução de

significados possíveis para aquela área, tendo como objetivo a recuperação do que poderia restar de significativo das edificações, como parte integrante da história da memória e identidade da cidade.

Exigiu-se uma postura cautelosa, uma investigação, sabendo que a definição do projeto somente seria possível após uma pesquisa que revelasse os percursos da construção daquele lugar, daqueles edifícios. Ao programa de projeto incorporou-se a busca de referenciais históricos que permitissem restituir a memória do local.

Referenciais históricos e reconstrução do lugar

A compreensão de um lugar só tem sentido quando realizada por meio de sua história social e técnica. Assim, o lugar deve ser entendido por sua geografia e a geometria nele construída. Elas, como artefatos humanos, revelam como seus habitantes as perceberam e as edificaram materialmente. Elas estão impregnadas de significados e carregam em sua materialidade a cultura e as relações sociais que as engendraram.

Para o projeto, as ações decorrentes desta visão deram origem a dois percursos paralelos de pesquisa, um documentando a vida do lugar, seu sítio, nascimento e transformação, outro descrevendo seu estado e diagnosticando sua situação como fato urbano, arquitetônico e técnico.

Portanto, as duas linhas de trabalho que se estabeleceram foram: a primeira, constituiu-se por uma pesquisa de ordem histórica onde se buscaram documentos que pudessem esclarecer as possíveis configurações das várias fases de construção das edificações; a segunda, de ordem técnica, registrou a atual constituição, a situação, a qualidade e saúde técnica das construções remanescentes.

Para a construção da história do edifício poucos documentos foram encontrados: uma única planta (figura 1) provavelmente do primeiro conjunto construído, algumas fotografias antigas (figura 2) e registros jurídicos da constituição das empresas.

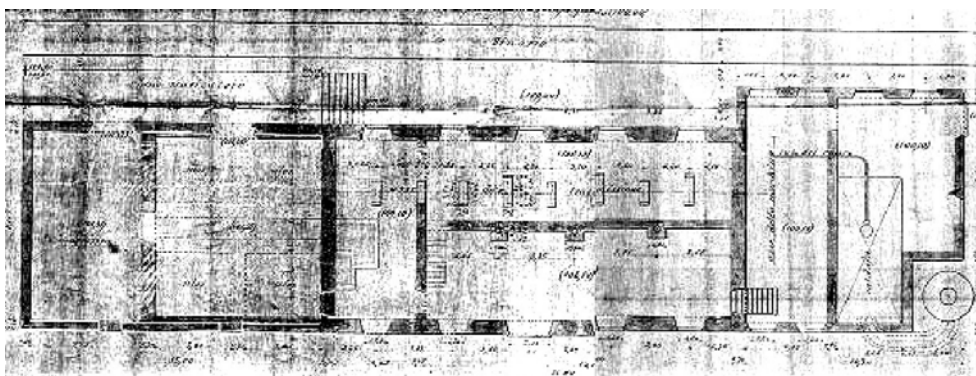


Figura 1: Planta original do Moinho



Figura 2: Foto da entrada do Moinho Mortari

Parte dos registros foram trazidos por um grupo de cidadãos apoiados pelo CAPT (Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio) da Prefeitura Municipal, que forneceram os poucos dados disponíveis para alimentar as possíveis decisões de projeto. Alguns deles, apoiados na memória e por meio de informações verbais, revelaram dados sobre a instalação industrial, auxiliando o conhecimento da memória a preservar.

A pesquisa de ordem técnica constituiu-se por um levantamento cadastral (figura 3) de todas as edificações existentes, com laudos técnicos sobre sua situação estrutural e sobre as patologias existentes. Além disso, foi utilizada uma infinidade de desenhos e fotografias para estudos e análises das edificações, suas dimensões, materiais e técnicas utilizadas.

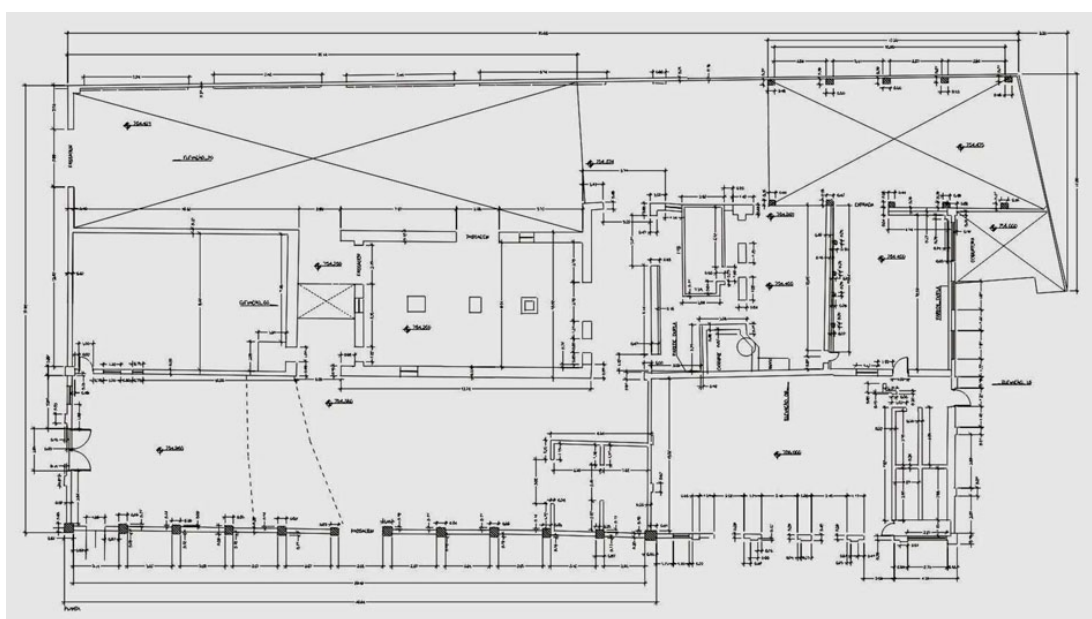


Figura 3: Desenho cadastral

Dessas informações, pudemos concluir que a implantação do Moinho original ocorreu em 1898 e que teria sido imperativo para sua localização a proximidade do leito da Ferrovia São Paulo Railway, criada em 1867.

Por meio da pesquisa, observou-se que a irregularidade do terreno e a implantação dos edifícios iniciais foram definidas pelo encontro do desenho da trama urbana com o leito da ferrovia e de seu ramal, registrando uma angulação diferenciada na cidade. Por sua vez, a importância do empreendimento era notada por seu posicionamento na área central, na rua que liga a estação ferroviária à Igreja Matriz. O final da rua era o portão do Moinho, que arrematava com uma certa “monumentalidade” a sua presença no então pequeno núcleo urbano.

O empreendimento dos Maciots não teve vida longa pois passou, em 1910, para novos proprietários e a partir dessa mudança tomou o nome de Moinho Mortari. Em 1946, foi transformado em uma fábrica de sal refinado, quando teve suas construções bastante alteradas. A fase final de utilização das construções foram os anos 1980. De lá, até os primeiros levantamentos para o projeto, as edificações foram quase que abandonadas. Os prédios, já mutilados pelas sucessivas transformações e pela corrosão devida ao contato com o sal, eram quase ruínas de irreconhecível memória.

O cotejamento da pesquisa histórica com a técnica possibilitou delinear um mapeamento das etapas construtivas das instalações e definir estruturalmente os elementos construtivos que poderiam ser mantidos e quais, irremediavelmente, encontravam-se estruturalmente perdidos.

Novos delineamentos para o projeto surgiram dessas pesquisas histórica e técnica, definindo os elementos da identidade e memória que deveriam e pudessem ser utilizados. Assim, fixaram-se algumas diretrizes para o projeto; com o objetivo de reconstruir o lugar:

- refazer a memória do prédio original do moinho caracterizando sua forma, escala e desenho com relação a cidade;
- restaurar a chaminé, símbolo da edificação industrial;
- evidenciar a relação com a ferrovia da qual decorreu a cidade e as edificações industriais;
- revelar as transformações sofridas pelas edificações de forma didática, apresentando inclusive o descaso com que, em certos momentos, elas foram tratadas.

Os outros elementos existentes no terreno seriam removidos. Como memória da paisagem, preservou-se também uma grande árvore, que mais tarde soube-se ter sido plantada por um dos administradores da fábrica para sua filha brincar.

Referências arquitetônicas: a recomposição

A preservação do patrimônio arquitetônico compõe-se hoje de um conjunto de procedimentos cuja conceituação deriva das mudanças de conceitos de restauração conforme indica Kuhl (1988). A preservação é contemporaneamente entendida dentro dos seguintes conceitos:

- restauração é a reconstrução idêntica de parte ou de todo um edifício em virtude de seu valor patrimonial;
- reconversão é uma operação realizada para mudar o uso de um edifício, impedindo que ele se torne inútil;
- reabilitação é a ação de melhorar um edifício, conservando a sua função original.

A pesquisa apontava para a necessidades de uma outra categoria. Introduziu-se a idéia de recomposição. A recomposição é uma operação onde o uso é mudado, mas as tarefas de recuperação da memória existem como eixo do projeto. A memória, por sua vez, deve ser encontrada, restabelecida e em alguns pontos, reconstruída.

Novas funções deveriam ser abrigadas e, nesse sentido, é possível afirmar que, no caso, a definição funcionalista de Sullivan (1856-1924) sofreu uma certa inversão, isto é, a função seguiu a forma.

O termo recomposição pareceu mais adequado para incorporar memória e intervenção, preservação e reutilização, entendendo-se as ações e utilizações novas como interligadas à reconstrução da memória e das identidades.

Um novo percurso foi necessário para a pesquisa, investigar e revisitar algumas atitudes projetuais similares. Portanto, a investigação arquitetônica buscou reconhecer, em intervenções exemplares, as referências para o projeto.

Dentre as referências internacionais, foram revisitadas as obras de Carlo Scarpa (1906-1978), em que a coabitação entre o novo e o antigo se pronuncia com ênfase, como restituição de uma memória. *“A idéia de tensão ilumina a relação de Scarpa com a história. Seu diálogo nunca é com o passado, mas com a presença do passado no presente, com todo feito em seu entorno, com a continuidade”* (Ranalli, 1999,15).

As intervenções de Reichen e Robert na antiga Fábrica de chocolates Menier (1992/95), as conhecidas intervenções projetuais de Herzog e Du Meuron na Nova Tate Modern (1995/2000), foram também exploradas para a compreensão das possíveis articulações entre o novo e o antigo.

As experiências brasileiras mais significativas foram as do projeto de Lina Bo Bardi para o SESC Pompéia (1982/86) em São Paulo e a do Parque das Ruínas (1997/98) no Rio de Janeiro, projetado pelos arquitetos E. Freire e S. Lopes. Evidentemente, sem nunca deixar de citar a intervenção pioneira de Lúcio Costa no conjunto do Museu das Missões. *“O Museu das Missões é*

reconhecido como solução pioneira e exemplar de inserção de construção moderna em sítio histórico importante, integrando o novo ao antigo pela implantação estudada, pela reinterpretação inteligente de soluções consagradas e pela sábia escolha e utilização dos materiais“ (Rocha, 2001, s/p).

Com esse panorama da produção arquitetônica, que desenha “as tensões” entre o antigo e o novo, e definido o conceito de recomposição, foi possível aliar as atitudes projetuais ao estudo histórico e técnico.

A recomposição proposta manifestou-se como atitude em relação às linguagens do antigo e do novo, como uma expressão de didática urbana ressaltando nascimentos e ocultos de edifícios. Ao mesmo tempo foi reconstituidora de um lugar, integrando ambientes, buscando respeitar continuidades tipológicas e espaciais (figuras 4 e 4a).



Figuras 4 e 4a: Seqüência da recomposição do edifício

Para a mudança de uso foram inseridos, nas formas existentes, outros elementos arquitetônicos através de técnica similar à da colagem. *“Todo o trabalho sobre edifícios existentes gira em torno dessa dialética forma/função: uma reconversão só pode ser um sucesso se há uma adequação entre a nova função e a forma existente“ (Robert, 1989, 9).*

A técnica de colagem como entendida por Rowe (1978) permitiu convivências, ambigüidades, reciclagem de significados, conexões entre memória e engenho, reconhecíveis na síntese realizada por Pablo Picasso em sua escultura “Cabeça de Touro“, de 1944.

Assim, as referências históricas pesquisadas e as referências arquitetônicas permitiram ao projeto a superposição das temporalidades arquitetônicas e urbanas impressas por seus substratos.

Procedimentos construtivos

A Prefeitura tomou ciência de que os procedimentos projetuais só poderiam ser realizados num processo contínuo de assessoria técnica onde pesquisa histórica, levantamentos técnicos e projeto caminhassem conjuntamente.

Essa postura, aparentemente clara, não é prática costumeira, tanto por razões culturais como pelas possibilidades jurídicas de contratação trabalhos de projeto no Brasil. Entretanto, esse procedimento permitiu o reconhecimento de um grande número de elementos e detalhes não registrados nos levantamentos ou documentos existentes.

Detalhes projetuais, orientação sobre as demolições e de aproveitamento de materiais foram possíveis graças a união entre pesquisa, projeto e obra.

Foi gerado um caderno de detalhes para restauração e recomposição de vários elementos encontrados conforme algumas ilustrações como a da recomposição dos arcos do porão (figuras 5, 5a e 5b) e as recomposições dos vãos de alvenaria.



Figuras 5, 5a e 5b: Seqüência da recomposição dos arcos do porão

Assim, puderam ser fixados critérios técnicos e linguagem arquitetônica de modo a recompor o antigo, didatizar o novo e preservar memórias e identidades nos novos usos propostos. (figura 6)

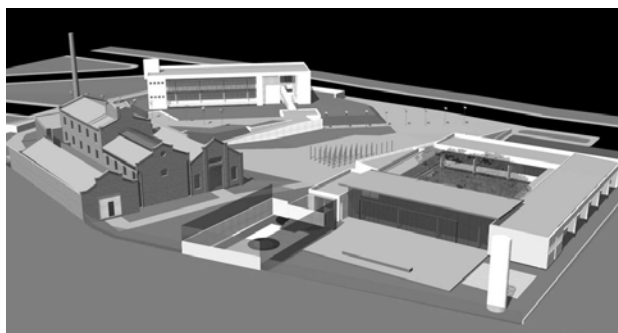


Figura 6: Projeto de implantação final

Conclusões

A realização do conjunto dos prédios dentro da metodologia utilizada permitiu inferir:

- nas ações de restabelecimento da memória e identidade dos lugares deve-se aliar as atividades pesquisa às de projeto de modo a qualificar as decisões adotadas;
- quando se tratar de edifícios significativos, o conceito de recomposição arquitetônica deve ser incorporado às várias possibilidades de definição de ações projetuais que visem a transformação de uso com preservação de memória; (figura 7)



Figura 7: Foto externa do edifício recomposto

- evidenciou-se pela pesquisa teórica e de precedentes a importância de um trabalho coletivo de investigações no qual as colaborações históricas, técnicas e arquitetônicas devem ser consideradas;
- a transformação de antigos espaços privados em espaços coletivos, quando se trata de patrimônios arquitetônicos, deve sempre que possível tornar pública a memória do lugar;
- a incorporação das técnicas de colagem possibilita mostrar o edifício como um projeto de transformação, não fazendo da memória do edifício um símbolo estagnado, mas propondo a explicação de seu processo, seu diálogo com o presente e sua utilização futura. (figura 8)



Figura 8: Foto interna do edifício reconposto

Assim sendo, projeto e pesquisa, história e perspectiva, passado e futuro, devem ser entendidos cada vez mais como elementos possíveis de serem trabalhados para a construção dos lugares, de sua identidade e de seu destino.

Referências bibliográficas

- CASTELLS, M. O poder da Identidade. Volume II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FERRAZ, M.C. Lina Bo Bardi. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.
- FRAMPTON, K. História Crítica da Arquitetura Moderna. Barcelona: GG (5ª. Ed), 1991.
- FRAMPTON, K. Prospects for a Critical Regionalism. In NESBITT, K. Theorizing a New Agenda for Architecture: an Anthology of Architectural Theory, 1965-1995. New York: Princeton, 1996, p. 468-482.
- JACOBS, J. The Death and life of Great American Cities. New York: Random House, 1961.
- JUNQUEIRA, M.A.B. Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- KUHL, B.M. A Arquitetura do Ferro e a Arquitetura Ferroviária em São Paulo. São Paulo: Ateliê / Fapesp, 1998.
- LEMONS, C. O que é Patrimônio Histórico. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LYNCH, K. What time is This Space? Cambridge: M.I.T. Press, 1972.
- NORBERG - SCHULZ, C. The Phenomenon of Place (1976). In Nesbitt (opus cit.), p. 412-428.
- NORBERG – SCHULZ, C. Existencia, Espacio y Arquitectura. Barcelona: Blume, 1975.
- PELISSER, A. Reichen et Robert: Architectures Contextuelles. Paris: Le Moniteur, 1993.
- ROBERT, P. Reconversions. Paris: Le Moniteur, 1989.
- ROCHA, R. De Museus e Ruínas. Os liames entre o novo e o antigo. São Paulo: Vitruvius, 2001. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc008.02.asp> > Acesso em 14/08/2007.
- ROSSI, A. La architettura della città. Padova: Marsilio, 1966.
- ROWE C.; KOETTER, F. Collage City (1976). In Nesbitt (opus cit.), p. 266-293.